

Entrevista 26/05/2017.

## Parte 1

Arnaldo Zangelmi: Então, Carlos... primeiro te agradecer a disponibilidade, né? De conversar um pouco com a gente de sua experiência, e para começar, se você puder contar um pouco da sua experiência... como que começou a sua... sua militância política né? O conhecimento sobre os movimentos e em específico sobre a Ação Popular... como é que foi a sua experiência... o seu conhecimento, a sua entrada e quando né?

## Parte 2

CARLOS Antônio Melgaço Valadares: Foi na universidade. Eu passei no vestibular em Medina em 1963, e aí já praticamente eu participei das manifestações antes do golpe de 64, que ocorriam em Belo Horizonte e ocorriam em vários outros locais e já entrei em praticamente duas organizações: uma, a Ação Popular e a outra, a Juventude Universitária Católica, e participei ativamente do movimento estudantil na época contra o fechamento dos diretórios, contra o apoio (Trecho incompreensível) já dentro das duas organizações; e pouco a pouco, a igreja foi tirando a JUC do circuito e outras juventudes também, e aí fiquei basicamente na Ação Popular, que tinha um espírito assim muito ainda da própria igreja e na medida que começou a ver sobre revolução chinesa, China, Mao Tse Tung, acabou incorporando certas ideias, por exemplo, que tinha se de viver com medo e trabalhar com o povo, e também esse medo da própria influência dos padres católicos que já existiam aqui e em outros locais. E essa militância me levou a, em 66 participar ativamente da preparação do congresso da UNE, que foi realizado aqui e com a minha participação era da assessoria estudantil de ação popular aqui em Minas e passei a ser da assessoria nacional da UNE porque tinham vários mineiros e um deles que foi presidente, era da faculdade de medicina e passamos a ter uma participação mais intensa. E a Ação Popular tinha a ideia de que se você vivesse e trabalhasse com os operários, com os camponeses, você podia mudar a sua ideologia; o que não correspondia, você podia ser um operário, mas com a mesma ideologia existente no conjunto da sociedade.

Mas isso aí e a disposição, vontade de participar que foi a característica da juventude naquele período, me levou a pouco a pouco, ter contatos maiores com o movimento operário aqui, e aí tinha vários amigos que participavam ativamente e a definição de que a gente tinha de se preparar do ponto de vista, junto com o povo junto a um processo e certo de que ia desencadear uma guerra de guerrilhas que era a concepção de Mao Tse Tung, que era uma coisa importante

assim na época, e aí se tem logo essa necessidade assim de que onde vai se fazer o trabalho? Né? E aí evidentemente; Cidade Industrial, Vale do Aço, com as concentrações operárias, Betim ainda não tinha essa força mas era basicamente áreas operárias, que era a classe fundamental que se considerava, e área de campo e aí entra áreas principalmente em conflitos, quer dizer que, e eu fui definido para fazer essa vinculação com trabalho de campo. E...

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Quais notícias que vocês tinham de conflito em campo naquela época, assim, mais ou menos era que ano? 1966?

CARLOS: 66 tinha poucas notícias, assim, tinha ~~era~~ toda a região de Valadares, da Zona da Mata que tinham conflitos, tinha determinadas áreas que já tinham tido, por exemplo, Triângulo Mineiro, Capinópolis, então tinha algumas áreas assim que eram mais conflituosas, mas particularmente em 67 ocorreu uma repressão intensa contra os posseiros em Cachoeirinha e em toda a região, e saiu a história de **Saluzinho** em todos os jornais; que era um posseiro que tinha resistido a bala, ao cerco policial, se refugiou numa gruta em que peseteve bombas, gás lacrimogêneo, tudo, conseguiu ainda ficar praticamente uma semana lá na, resistindo e isso aí levou, por exemplo, a falar assim aquela área que ela tinha característica de conflitos, de luta pela posse da terra muito mais intensa naquele período do que na região de Valadares, do que na Zona Mata e, se considerava que era importante, ali que era uma área de mata também, era uma terra devoluta na época e tava sendo ocupada, e muita gente já vivia ali, não só população de posseiro, mas também pessoas indígenas, remanescentes aqui de quilombos então era uma área que tinha assim um potencial grande em que pesetese certas dificuldades, porque a mata, era ainda uma mata virgem, quer dizer que, e as condições de sobrevivência eram difíceis particularmente com a repressão. E então a gente foi fazer o levantamento.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Aí vocês tiveram notícia... pelos jornais?

CARLOS: Pelos Jornais. Todas as informações.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Aí foram para lá?

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Vocês tinham notícias de algum outro grupo que já atuava lá? Algum outro movimento ou eram só os posseiros?

CARLOS: Eram só os posseiros.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Só os posseiros? Não tinha nenhum mediador?

CARLOS: Montes Claros tinha um ~~movimentodocumento~~ assim mas era fundamentalmente os posseiros.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Aham.

CARLOS: E aí, nessa parte de levantamento a gente fez algumas viagens: Vale do Aço, com pessoas conhecidas e tudo, e eu fui com o **Elmo**, a gente foi de trem até Janaúba, e de Janaúba a gente foi direto a pé, entrando na mata até correr a região. E verificando as condições inclusive de poder chegar lá e como chegar pra poder desenvolver o trabalho, que era basicamente um trabalho de articulação de resistência do pessoal e ~~estabelecersaber-seusos~~ contatos, porque a gente achava que não era a gente que ia fazer, quem ia fazer era o povo da região então precisava ter esse contato maior com o povo.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Isso foi em 67?

CARLOS: Isso foi em 67 pra... é praticamente 67. Logo depois que teve o conflito com Saluzinho. Então eu cheguei com **Elmo**, inclusive curiosidade, fomos bater no localzinho, no patrimônio, eles falaram que ele pediu pra usar, ele falou "Não, aqui é uma pensão, você pode ficar aqui", e no dia seguinte a primeira pergunta que eles fizeram foi: "Vocês vieram fazer o que aqui, cadê as armas?" aí eu: "As armas tão dentro da mala." Aí ele falou assim: "Traga aqui pra eu ver." Aí eu

peguei o 32, levei e ele falou: “Não, eu tô falando em arma, não tô falando em 32, não.” Aí ele falou assim: “Eu sou o delegado e que vocês vieram mesmo fazer aqui?”, aí eu falei assim que “Não, a gente veio aqui para verificar terras pra gente comprar” aí ele falou “Tá bem então, fica à vontade” e tal, pronto. Aí circulamos um pouco na área, dentro das condições, era uma área de polímetro de seca, dificilmente se encontrava água, a gente, por exemplo, andou um dia inteiro sem encontrar um lugar que tivesse água, então era uma situação extremamente difícil pra quem vivia ali. Os posseiros praticamente só comiam fava, quando tinha sal era uma raridade, porque era praticamente isolada também a área, e quem vivia lá... tinha muito catitu, tinha muito tatu, essas coisas assim, e carne era assim... frutas, aí era que lá só tinha a árvore sagrada do sertão, que é o umbuzeiro. Quer dizer que tinha muito umbu, inclusive uma das pessoas lá ficava com

Tanta fome que resolveu comer muito umbu e aí ficou em situação complicada. Mas, com isso a gente definiu essa área e definimos também essa área de reflorestamento. Acesita, Timóteo, em volta da Usiminas, que tinha... era uma área que tinha muito assalariado na época, basicamente, e assalariado era importante também do ponto de vista político. Então, pra essa área inicialmente foi Gilse Consenza e Bozenza, e Abel... Abel já tava concluindo economia, Gilse era assistente Social e já foram pra lá. E eu, não. Eu fiz esse levantamento depois fui pra lá, Odacke Daque Miranda, foi Solange, a esposa dele, foi Betinho, Betinho Duarte, foi Dilermando, que era da economia e em seguida iria eu e Loreta. A gente foi depois, e ficamos praticamente em processo de preparação. Algumas dessas pessoas não sabiam nem o que era um pé de café, pé de milho e tal, quer dizer que, aí entrou em certas áreas assim pra conhecer um pouco mais da situação; era muito mais aquele impulso de fazer as coisas sem pensar muito. Coisa por exemplo; eu venho do interior então, conhecia todas essas frutas e coisas, assim de, o pessoal lá não tem, mas aí aprendi muita coisa. A gente teve um período de mais ou menos um mês, eu e Loreta na região de Unaí, pra preparar melhor e lá tinha uma pessoa que a gente perdeu o contato que foi da Contag. A gente Ele foi pra terra dele pra poder não só retomar o contato, mas também participar ativamente desse processo de integração maior de costumes e tudo, porque de uma forma ou de outra, a gente era de cidade, era reconhecido, então normalmente você tava assim, eu era, tinha sido representante de laboratório e Loreta era professora, então pra justificar inclusive as características físicas e...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: E o senhor se recorda o nome dessa pessoa que era da Contag?



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

CARLOS: **Sebastião**; eu não sei se era secretário-geral da Contag, isso antes de era em 64. Mas que era uma pessoa que tinha tido uma militância grande, e depois ficou lá em Unaí e praticamente sem contato. O único contato que ele tinha era com o **padre Alípio**, que era nordestino e que fazia trabalho de campo com camponeses em Pernambuco, em toda aquela região ali dos camponeses, e ele tinha contato com ele e passou pra mim e a gente foi pra lá.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Thelma Shimomura: Vocês foram lá em que ano? Pra Unaí.

CARLOS: Unaí foi já em 67, foi nesse processo de preparação. E além disso a gente fez uma preparação política. Ficamos praticamente um mês em uma casa que foi alugada com todo esse pessoal, pra estudar toda a parte de teoria. Marx, Engels, Mao Tse Tung...

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Isso foi em Belo Horizonte?

CARLOS: É, aqui em Belo Horizonte...

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~: (Trecho incompreensível)

CARLOS: Pra poder assim, porque que tá seguindo, porque ter um nível de consciência maior, então se leu basicamente Marx, Engels, Lenin, Mao Tse Tung,

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: E a ideia era ensinar isso para os camponeses?

CARLOS: Não, a ideia era a gente saber isso e se integrar com o pessoal, e pouco a pouco -ir fazendo com que essas pessoas também passassem a ver não só a luta pela terra, mas ver

relação da luta pela terra com esses objetivos maiores que a gente já definia, socialismo, ainda de uma forma bem assim utópica, quer dizer, era um negócio que...

**INFRA**Lab

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO** Arnaldo Zangelmi: Era isso eu te perguntar, como que era a relação com os posseiros? Como é que vocês conversavam? Como chegar, né, vocês assim, sendo estranhos pra eles num primeiro momento, né?

CARLOS: Assim, né, a gente chegou o pessoal já tinha chegado

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível)**

CARLOS: Já estavam lá e se fizeram articulação com vários posseiros. Quando a gente chegou eles ajudaram a gente a pelo menos... pegamos uma casa que tinha só a armação e a ideia era pra viver ali. Era muito fácil porque era terra devoluta, eles próprios indicavam, e o contato eram

um pessoal pessoas extremamente solidárias. Eles tinham características assim muito grande, você chegou não tem nada, as vezes eles matavam, tinha um cara lá que era caçador, ele matava um catitu ou um veado, ou uma coisa assim, e levava a carne pra gente. Então esse tipo de solidariedade; davam dicas onde é que era mais fácil conseguir água, que era difícil conseguir água, mas havia todo um movimento assim de solidariedade e essa característica que levou muita gente a fazer com que o próprio Saluzinho fosse um exemplo pra aquela população. Havia um movimento de solidariedade e a gente queria justamente entrar em contato pra poder... Saluzinho já tava preso e depois foi considerado preso político, que é raro um camponês ser incurso na lei de segurança nacional. No caso aí ele foi incurso na lei de segurança nacional, e esteve preso aqui no DOPS, e aí foi quando eu o conheci pessoalmente; eu conhecia a história dele, mas aí conheci pessoalmente, então...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA** Marina Camisasca: Você também esteve preso no DOPS?

CARLOS: Estive.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Isso posteriormente?



~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: E em relação à política? Como é que você... A questão da organização política nesse primeiro contato com os posseiros, nesse dia a dia ...

CARLOS: A gente...

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Não falava...

CARLOS: Não falava assim, entrava em discussão sobre a terra, sobre não sei o que, sobre as coisas concretas no plano de dificuldade. Você conseguir sal era dificuldade. Carne... você não ouvia as vezes falar que mataram um boi, não sei o que, onde, mas você não tinha inclusive recursos pra pegar, então era uma situação extremamente difícil. Agora, a gente levou um rádio

potente pra poder escutar. Era rádio Pequim, rádio Tirana e BBC, que eram rádios que transmitiam para o Brasil notícias sobre o Brasil, então a gente procurava manter informação, não só sobre a situação, do que que tava acontecendo no mundo por uma determinada visão, mas também para se manter. E aí se conversava assim, mas você não ia, mesmo hoje, você chega num bairro, você chega em qualquer outro lugar mesmo com o processo desse período mais democrático, você não chega falando em socialismo, falando não sei o que, você vai chegar e vai ter esse nível de integração, esse, esse ponto assim de integração de tá vivendo ali conhecendo os problemas fazendo a luta em torno daqueles problemas e ao mesmo tempo fazendo a vinculação do porque que isso existe, porque que tem essa exploração no campo, porque que a Sudene, a Rural Minas fez isso naquela área? Beneficiou quem? Quer dizer, o pessoal posseiro expulso e os grandes fazendeiros e tudo, penetrando e inclusive destruindo boa parte da mata. e, E naquele período era utilizada por pessoas que praticamente destruíam muito pouco a mata, era só um pedacinho em torno assim, que cultivava basicamente fava e as vezes um pouco de milho. Mas...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: O contato era mais pra eles adquirirem confiança em vocês também...



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

CARLOS: Sim e a gente conhecer efetivamente o problema...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: A realidade...

CARLOS: Você não pode chegar, mesmo hoje, se você chega assim, hoje por exemplo, quando você vai em um local você discute muita coisa, democracia e não sei o que, mas a essência do que você tá discutindo é a reforma da previdência, o que tá pegando assim é isso, agora você tem que vincular isso com o governo, com o golpe, com uma série de outros aspectos, e parte daquela situação, porque que existe essa exploração aqui, quais são as causa dela. Você vai pouco a pouco, vai discutindo porque também você tem de dizer de uma forma que ele entenda e entender é plano da posse da terra.

Saluzinho, ele relatou que no Paraná ele também tinha lutado pela terra e boa parte teve muito conflito de terra no Paraná, norte do Paraná durante um determinado período, e ele falou que ele

estava lá e ele atirou, parece que ele matou um policial e ficou preso. Depois veio pra Minas de novo e, mas ele falava assim, humilde, consciente: “O latifundiário é o Diabo, quê que você faz plano com o diabo?”, mas ele tinha assim um sentimento em termos da terra, da posse da terra e da terra que ele tinha herdado também lá no norte de Minas, esse sentimento profundo assim de vinculação com a terra e que precisava de manter esse vínculo, então tinha... e ele era uma pessoa calada. Depois de algum tempo que a gente começou a contar coisas e parece que depois inclusive contou mais coisas que quando foi aprendendo a ler lá dentro da prisão e começou a pegar mais confiança no pessoal. Eu não... eu não... Possesiros praticamente analfabetos chegar no meio de uma série de pessoas assim fala assim: “quê que esse pessoal tá querendo?” então é uma situação assim que já é desconfiado por natureza, numa situação que ele foi violentamente reprimido mais ainda. Por\_ quê que eu estou preso?, por\_ quê que não sei o que, por\_ que que os outros estão... estão presos...?

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Thelma Shimomura: E isso foi no Dops?

CARLOS: Isso foi no Dops.

Rua Goitacazes, 103 | Centro - SL 1104 | Edifício Vera Cruz CEP 30190-910

Belo Horizonte -MG - Brasil | [www.infralab.com.br](http://www.infralab.com.br) | (31) 3586-5777

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Thelma Shimomura: Na sela do DOPS? Como que era?  
Ficava todo mundo na mesma sela ou cada um...

CARLOS: Não, tinha algumas selas na parte de baixo do DOPS, e às vezes você ficava 10, 12 pessoas na mesma sela. E às vezes 2, 3 em outras, porque havia selas um pouco maiores e selas menores então, mas sempre depois de um tempo você acabava conhecendo todo mundo que tava preso.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Thelma Shimomura: Tinha uma rotatividade...

CARLOS: Tinha uma certa rotatividade interna. Por exemplo, lá também teve de Montes Claros, teve **Adão**, que teve preso lá que era de... acho que era de uma cidadezinha perto. E tinha o **Porfírio**, que era de Montes Claros mesmo, já mais... com uma maior experiência política e tudo, depois foi, eu soube que até vereador lá em Montes Claros. O Zé Porfírio era de (Trecho incompreensível)

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Nessa ocasião de Cachoeirinha, de Varzelândia, os outros militantes não foram presos, **Odacke Daque**, a **Solange**?

CARLOS: Não. Aí foi outra história porque eu fiquei lá mais ou menos 40 dias com **Loreta** e aí ia ter uma reunião aqui em Belo Horizonte que ia discutir não só o trabalho de campo mas também as repercussões do ato 5.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Era 68.

CARLOS: É. Então a gente precisaria de conhecer melhor a situação política. Viemos pra cá e tava se preparando a greve na Cidade Industrial e foi em abril, e aí o pessoal teve... tinha tido prisões e tudo, e o pessoal falou pra mim ficar aqui trabalhando também com o pessoal operário e, eu fui preso na greve de 68 perto do sindicato dos metalúrgicos. Vários outros tinham sido presos. **Ênio Seabra** tinha sido preso, **Luiz Marcos Magalhães Gomes**, que era também da direção aqui em Minas, já tinha sido preso, então tava numa situação... aí, fiquei responsável, fui

lá na Cidade Industrial e na primeira chegada prenderam, mas fiquei um dia só porque tinha pessoas tentando entrar em contato com o pessoal que tinha acabado de sair de uma assembleia e tinha gente do outro lado da rua observando, aí a polícia cercou todo mundo e aí eu reagi, todo mundo se mandou, o pessoal que era liderança... aí me levaram pro DOPS pela primeira vez. E posteriormente, quer dizer que, eu fui preso em julho de 69. Minha mulher já tinha sido presa aqui, numa série de prisões que tinham ocorrido aqui em Minas tanto da Colina quanto no Colóquio ~~foi feita~~ da dissidência, era uma onda muito grande de prisões e... quando ela foi presa ela tava participando da reunião da direção nacional de AP em São Paulo. Aí o pessoal conversou comigo, falaram que ela tinha sido presa, mas se eu tinha condições de vir aqui pra retirar o pessoal que tava com problema, porque eu conhecia o pessoal quase todo, assim de várias áreas, aí vim pra aqui, inclusive vinha uma pessoa também da Bahia pra ficar responsável por AP aqui em Minas, porque ela também tava com problema na Bahia. E eu falei que viria, e aí, por exemplo, o trabalho de campo foi desativado, pessoal todo saiu. Quer dizer que, a **Gilsee** tinha sido presa aqui, mas já em outra situação. Um foi preso um conjunto de ~~em~~ 20 pessoas no Gral inclusive minha mulher, **Loreta**.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Em 69 o trabalho na Cachoeirinha já tava desativado?

CARLOS: Já tava desativado porque a gente retirou, e a polícia ficou mais zangada ainda porque descobriu os códigos pra gente desativar, a gente podia desativar daqui, mandava uma mensagem pro rádio, naqueles programas sertanejos: "Aqui é dona Maria da Silva, seu Francisco foi internado, tá em estado grave, vocês precisam de vir pra aqui de imediato!" e tal, significava ir pra outro canto, então a gente conseguiu desativar esse trabalho mesmo na área, as pessoas que tinham mais problemas aqui em Belo Horizonte, saíram para outros estados e foram ter militância em outros estados e tal. Então o motivo aí também foi esse...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: As prisões...

CARLOS: A gente chegou a desativar na época eles não sabiam; sabiam que tinha um trabalho mas não sabiam exatamente como, depois é que eles localizaram. Eles ficaram muito tempo sem

saber que organização era aquela, inclusive caracterizaram como organização de mulheres, em que prenderam umas 80 mulheres no Gral e nisso aí fala: “que organização é essa com essa quantidade de mulheres e a gente bate, bate, bate, tortura e não falam nada?”, quer dizer basicamente são aquelas 5 de Minas que foi divulgado inclusive na Organização Interamericana de Direitos Humanos em 72, na França foi divulgado, pela igreja... até a própria igreja ajudou muito a divulgação desse período das prisões.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Qual que você acha que foi o trabalho relevante que vocês fizeram lá em Cachoeirinha?

CARLOS: Olha, o trabalho foi muito inicial e depois não pode ser retomado porque todo pessoal que estava lá saiu, e aí houve todas as mudanças, quer dizer que a repressão foi muito maior em todas as partes, então praticamente todo mundo saiu pra outro estado. Depois que eu saí da prisão, eu fui ficar clandestino em São Paulo, quer dizer que, Marcos Gomes foi pra São Paulo, teve gente que foi pro Rio, Gildásrio diz que teve no Rio Grande do Sul, teve em vários lugares, quer dizer que, Gilsee foi pro Ceará, Gilsee e Abel. Então houve, por causa da repressão de se fazer trabalho em outros locais. Isso foi uma forma assim, mais ou menos, generalizada de

proteção e ao mesmo tempo de continuar o trabalho, e nessa área daqui de Minas, tinha ocorrido essa prisão que foi uma prisão grande, que dificultou bastante porque por exemplo, as duas principais lideranças operárias; o Énio Seabra e o Mário Bento, que eram do sindicato, que vinham desde, um da Mannesmann que teve aqui no centro da cidade mas foram presos, quer dizer que várias outras pessoas assim que tinham uma possibilidade de continuidade do trabalho estão extremamente limitadas, mesmo assim se fez mobilizações, atividades contra o arrocho ali das greves.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: E como foi a experiência do DOPS? Você lembra de quem eram os militares, os policiais, os procedimentos?

CARLOS: Sim. Eu fiquei relativamente pouco tempo no DOPS, porque no dia que eu fui preso, eu fui tão torturado que passei 2 meses no hospital; uma parte na UTI do Pronto Socorro, outra parte no Hospital Militar e que não tem nenhuma comprovação: de documentação, prontuário médico e

INFRALab  
IDEIAS E INOVAÇÕES

tudo. A gente tá tentando ainda conseguir mas, difícil essas coisas. E quando saí fui pro DOPS. No DOPS o nível de tortura era bem menor, aí entravam uma série de coisas, muito mais ameaças e tal do que, e como quando o processo foi interrompido, no nosso caso, por causa da violência que fizeram, não só em relação às mulheres e aqueles militantes que tinha sido presos num primeiro momento, mas também pela repercussão que isso causou, então afastaram o cara que era chefe do inquérito e colocaram outro. E esse outro, ele falava assim: “olha, você tem que falar alguma coisa, se não eu vou ser obrigado a te torturar, mas você sabe que eu não torturo. Eu não torturo.” Aí chamava o **Gomes Carneiro**, **tenente Marcelo**, outros pra poder torturarem. Aí me levaram pro Colégio Militar pra torturar lá, aí levaram vários outros. Então eu saía de lá pra tortura; lá mesmo, por exemplo, quando eu fiquei um período relativamente curto, porque logo depois tiveram de encerrar o inquérito eu fui pra Linhares, em Juiz de Fora.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Você se lembra de outros casos de tortura naquele período em que as pessoas ficavam presas lá também?

CARLOS: Sim, praticamente na época tinham pessoas que diziam que lá era o centro de praticamente... o centro do chamado DOI CODI mineiro, então se pessoa era presa, ia pro DOPS,

e do DOPS é que...; porque logo, logo eles começaram a suspender tortura no DOPS, como depois suspenderam no Colégio Militar porque a repercussão, o pessoal, os vizinhos começaram reclamar dos gritos e tudo na madrugada. Normalmente faziam tortura de madrugada, então isso aí levou a não ter tortura depois de um certo tempo no próprio DOPS. Eles tiraram aí, era o exército, aí era o **Gomes Carneiro**, **coronel Borges**, **tenente Pádua**, que eram os torturadores que no geral tiravam os presos para serem torturados em outro local. Como pegaram o pessoal que tava lá em Neves, levaram pra ser torturados no Rio de Janeiro; o **Ângelo PezuttiPesucci**, **Murilo**, esse pessoal todo lá, o **Maurício Paiva**; levaram pro Rio pra para que fossem torturados na presença de mais de 200 pessoas, oficiais e militares, pra que eles aprendessem a torturar. Isso aí é um negócio assim que foi o efeito o **Dan Mitrione** que teve aqui em Minas. Ficava lotada a Secretaria de Segurança Pública daqui e que estavam orientando o pessoal a técnicas de tortura, que já vinha também de treinamento de oficiais brasileiros nos Estados Unidos, no Paraná, que aprendiam as técnicas de tortura.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: E no caso de Cachoeirinha, você tem notícias depois... dos posseiros de Varzelândia, de forma geral, como é que foi o processo depois dessa saída, vocês recebiam notícias de alguma forma? Ou não tinha canal nenhum?

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

CARLOS: A gente recebia notícia... No meio período aí já foi o período mais complicado porque foi o período de 69 até 74, 75, que foi a violência muito grande, você não tinha muita chance, mesmo na cidade. Em São Paulo você, por exemplo, você não saía a noite depois de oito horas da noite, porque você podia ser abordado em qualquer ponto de ônibus, qualquer local e ser preso. Qualquer desconfiaçazinha eles paravam o povo, então a gente tinha muito pouco contato em certos locais e depois aqui teve essa prisão, e depois em 71 teve outras prisões assim extensivas do pessoal ligado a Ação Popular, pessoas que já tinham vindo de fora e pessoas daqui. Então, isso dificultava mais ainda a retomada de certos tipos de trabalho porque tava... o controle tava assim, muito maior então a gente sabia notícias que a Rural Minas tava passando, que tava construindo novas fazendas, novas plantações mas, por exemplo, no geral a gente praticamente perdeu esse contato. Foi a mesma coisa nessa região do Vale do Aço porque foi muito inicial esse trabalho de campo.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Depois da anistia foi retomado algum tipo de... contato?

CARLOS: Não, aí também eu não fiquei aqui. Depois da anistia eu fui pra Bahia e mesmo antes eu tinha passado, de 73 até 80, eu estive fora do país porque...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Foi exilado.

CARLOS: Exilado na Argentina e depois com a ditadura da Argentina, na Suécia. Então, o pessoal sempre pega as histórias, quando você conversa com o Odack Daque, que ficou mais tempo do que eu no DOPS, ele foi preso depois e teve mais contato inclusive com o Saluzinho. fez contato mais pessoal em outra situação.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: O senhor se lembra se lá em Cachoeirinha existia algum tipo de sindicato ou associação que defendia esses camponeses?

CARLOS: Na época havia uma solidariedade, mas não havia organização. O negócio era a mata toda. A gente chegou, ficou na casa e em contato com o pessoal, os vizinhos, assim que eram relativamente distantes. Você tinha contato, o pessoal às vezes chamava pra você caçar com eles e tudo, mas era uma atividade que se você tivesse algum problema, você podia recorrer, mas não tinha assim... os próprios posseiros não tinham uma organização, um movimento de resistência ou aquela resistência assim, de defender a sua terra, então não...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Não tinha uma liderança que também se destacava? Vocês conseguiram notar?

CARLOS: Na época não consegui identificar, quer dizer, tirando o **Saluzinho** parece que também eles mataram uns cinco ou seis posseiros e isso leva as dificuldades maior. Não era uma grande concentração de posseiros. Porque em alguns estados havia uma grande concentração porque houve um processo de resistência bem maior e com trabalhos políticos. No norte do Paraná tinha um trabalho político grande do Partido Comunista do Brasil, PCB na época, na década de 40, de 50. Trombas Formoso também, mesma coisa, tinha uma participação de partido político mas em

Trombas e Paraná se retomaram contatos que havia um movimento assim, muito amplo de luta pela posse da terra.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Vocês chegaram a presenciar alguma violência lá? De fazendeiro ou de polícia?

CARLOS: Não. No período em que a gente esteve lá, não. A gente sabia que tinha tentativas de expulsão de terras, mas não presenciamos, nem tomamos conhecimento no período. Foi um período relativamente curto, de meses.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: E nesse contato que teve com o **Saluzinho** na prisão, a impressão que você teve sobre ele em relação a algum conhecimento de

direitos. Ele tinha alguma formação que ele poderia ter tido no Paraná? Você notava que ele era um possessor diferente dos outros em termos de pensamentos ou coisas nesse sentido?



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

CARLOS: Ele era um cara muito calado. Então era uma pessoa extremamente sensível e solidária dentro da prisão. E a consciência dele era contra o latifúndio. Quer dizer que, isso aí, esse negócio da afirmação de que o latifundiário é o diabo, já mostra que é uma coisa mais geral não era só uma coisa... individual.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Ele não tava falando de um latifundiário específico, tava falando do grupo.

CARLOS: Do conjunto. Então era o nível de consciência dele, não tinha... era assim eu tenho minha posse e aí eu tenho direito dela, no caso da posse dele lá já foi herdada do pai, então era uma coisa assim, eram terras devolutas. O pessoal começou a chegar e registrar as terras e, tanto a Sudene quanto a Rural Minas, passaram a abrir campo pra fazer grandes fazendas e plantações.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Thelma Shimomura: Você sabe se o Saluzinho, ele teve conhecimento, lá na prisão, da tortura da mulher dele?

CARLOS: Isso aí eu só tomei conhecimento muito tempo depois, lendo o material mas, por exemplo, ele assim, sobre história pessoal dele, história de vida, era muito calado. Ele pra falar certas coisas, pra falar esse negócio do latifundiário é o diabo, demorou tempo. Eu tinha até perguntado antes, não sabia, não tinha certeza, mas eu acho que ele era evangélico, de uma religião protestante.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Já naquela época?

CARLOS: Naquela época.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Da prisão?

CARLOS: É, ele fez referências assim e tudo, mas o nível dele assim arraigado, era a luta pela posse e a resistência dele na região da Jaíba foi justamente que rolou a consciência de que esta terra é minha e mais, não era só porque e tal, era por herança apenas já tava lá há muito tempo. Então é um sentimento assim, muito grande e que mantinha a solidariedade em que o próprio pessoal posseiro manteve em todas essas lutas uma solidariedade em função da defesa da sua propriedade, do direito. Era considerado um direito. Isso aqui é meu, então... não chegava a explicitar assim, direitos, por exemplo, “eu tenho direitos humanos, eu não posso ser preso, eu não posso...” não sei o que. Isso aí conscientemente não existia...preso, prisão. E ele achava que tinha o direito de defender que era uma coisa importante, se defender de ataque. No Paraná, ele se defendeu de um ataque lá, ele era bom de tiro. Era outra coisa. Tinha uma pontaria incrível. Aí ele contou que encontrou com uma pessoa lá que tomou um tiro na cabeça. Aí o cara olhou e falou assim: “como é que o senhor me acertou?” aí ele falou assim: “eu vi um pedacinho do boné, aí atirei!” Não teve maiores consequências, não, mas era um cara assim que cada tiro era, tiro certo.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Araldo Zangelmi: Desproporcional o quanto, o número de pessoas, de aparato, de equipamento que tentaram usar contra ele.

CARLOS: Agora é outra coisa que ele não confiava era em polícia. Quem tentou atacar no Paraná foram policiais e jagunços. A mesma coisa no norte de Minas. Ele não tinha confiança em polícia, tanto que a resistência dele foi maior porque ele sabia que se saísse, ia ser assassinado, então ele batalhou pra ter um processo de negociação, pra poder não morrer ali, quer dizer que, ele também tinha consciência de que ali era desproporcional. Tudo cercado, ele numa gruta, sem comida e bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Araldo Zangelmi: Em relação aos outros militantes que atuaram nessa região na época, você sabe onde eles estão? Onde é possível encontrá-los? O Elmo? Eu não sei se alguém faleceu...

CARLOS: O Elmo eu não sei... Eu não tenho notícia dele, Elmo era...

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: E os outros? O OdackDaque está na Bahia né?

CARLOS: É o OdackDaque tá lá na Bahia e é fácil porque né? O cara sempre vem aqui, teve até recentemente aqui. O Betinho vocês conhecem também, Betinho Duarte. Foi vereador e foi um dos que batalhou muito pela anistia e por direitos humanos contra a repressão.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Ele estava na mesma célula em Cachoeirinha?

CARLOS: Tava, Eele, o OdackDaque Miranda, Dilermando. Dilermando viveu muito tempo em São Paulo mas agora parece que tá em, no Para... em Santa Catarina, o Dilermando tá em Santa Catarina. É possível que eu consiga o endereço, e Gilsee...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Tá aqui?

CARLOS: Aham.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Thelma Shimomura: A Gilsee tá aqui em Belo Horizonte?

CARLOS: Tá em Belo Horizonte e inclusive com um problema sério de saúde e tá sendo submetida a uma cirurgia hoje, então.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Thelma Shimomura: Quem foi mais com a Gilsee lá pra...

CARLOS: Abel. Abel tá no Ceará, eles se separaram e ele continuou lá e Gilsee foi pra São Paulo e depois veio pra aqui. Elmo, ele eu não...

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: O senhor era um estudante de medicina na época. O senhor chegou a levar algum conhecimento de saúde, higiene, alguma coisa desse tipo, pra esses posseiros?

CARLOS: Tive que levar.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: É

CARLOS: Aí todo o pessoal fez um curso de primeiros socorros com alguns médicos que tinham maior conhecimento, que eu também tinha porque eu já tava no quarto ano, já tinha frequentado o Pronto Socorro, estagiário então, essa parte assim já tinha, mas mesmo assim, a gente montou um curso de primeiros socorros pro pessoal que ia pro campo. Aí dois médicos foram dar o curso. Assim eram só medidas básicas de urgência e emergência; o quê que faz, o quê que manda pra frente.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Mas isso pros militantes né?

CARLOS: Pros militantes, mas porquê isso aí podia ser aplicado. Quer dizer que, qualquer situação de corte, que você faz um corte e que... no caso tem certas coisas, tipo o pessoal que foi pra guerrilha do Araguaia; tinha médico, tinha enfermeiro, tinha tudo. Aí eles funcionaram como... não como médico, como enfermeiro, mas com conhecimento nessa área; fazer partoe; entre pessoas que faziam partose em guerrilha. Eles ficaram muito mais tempo. Eles começaram a chegar lá em 66, nesse processo de integração e a guerrilha começou em 72 então foram

praticamente 6 anos de preparação com pessoas indo pra lá e tendo contato muito maior com a população local, e era uma população muito mais intensa, muito mais concentrada e com um processo também de resistência muito grande.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: A Ação Popular teve alguma fase em que ela teve uma influência maior do modelo cubano? Ideia de foco expressional ou de disputar espaço es fatos de com o maoismo maurismo alguma coisa assim, ou no período que você participou foi sempre esse, essa diretriz?

CARLOS: Não. Na fase inicial, quer dizer que, a influência da revolução cubana era grande, mas a revolução cubana se via como um movimento político de massas, quero dizer que, começou com um ataque, mas o pessoal se ligou ao povo cubano e foi o povo e o que fez, e lá o partido comunista durante um bom período, Fidel não era comunista, o irmão, sim, mas havia todo um processo de luta. Então isso aí também influenciava a gente, quer dizer, tinha de ter uma luta do povo. Quando Régis Debray publicou Revolução na Revolução, todo mundo leu, todo mundo discutiu. Isso aí é toda a esquerda. Se você pegar relatos das diversas organizações, todo mundo leu e discutiu Revolução na Revolução, que era um negócio assim: pegar grupos e ir pra um determinado local e por meio da experiência armada, ir ganhando a população. Só que a gente fica muito lúcido quando se é militante do PC do B; Partido Comunista do Brasil, a gente aprendeu que não tem modelo, nem de revolução, nem de socialismo. Então na época havia essa influência e foi generalizada, teve gente que já saiu pra montar o foco. Eram foquistas. E outras organizações falavam assim: não, a gente tem que fazer aqui e tem que fazer no campo. Então havia muita coisa assim. Houve uma influência muito grande da revolução cubana e mais ainda da interpretação da revolução cubana que foi do Debray e que Guevara seguiu, e também não conseguiu, na Bolívia levar adiante. Então isso assim, a gente lia, discutia e sempre, quer dizer que a Ação Popular sempre teve vinculada ao movimento operário, ao movimento de trabalhadores rurais. Antes, por exemplo, trabalhando no MEB, trabalhando com as ligas camponesas, fundando sindicatos de trabalhadores rurais, inclusive, aqui em Minas, por exemplo, em Sete Lagoas fundou-se o Sindicato de Trabalhadores Rurais. Então a própria ideia de fazer esse trabalho tava muito incorporada dentro dessa visão, tanto da igreja, de estar vinculado ao povo, também do ponto de vista do...e depois de Mao Tse Tung, que falava isso; você tem que servir

ao povo, tem que não sei o que. Se você vai num lugar, até a água; você não pega a água lá no pote, você tem de pedir água. Normalmente o pessoal oferece e tudo, mas a gente não podia tirar nada do povo. Então isso eram conselhos do ponto de vista assim, éticos, assim de relação com o povo. Porque se você toma uma coisa mesmo que seja assim e tal, de necessidade, isso tem repercussão, perde a confiança. Então a gente levava muito assim, esse contato com o povo. Tanto que aqui, por exemplo, o movimento operário, Renato Godinho, que foi depois reitor na UFOP. Ele era arquiteto e trabalhou na Poliecnodre, ele trabalhou na Poliecnodre como operário e

como uma das direções da greve naquele período. Então porque havia mesmo naquele período, e já era 68, 69, esse negócio de integrar com os trabalhadores. Então o pessoal era deslocado para trabalho no campo e deslocado pra trabalho no campo junto dos trabalhadores, então havia sempre essa preocupação desde o início assim, então, por exemplo, você pega nessa fase de igreja, Juventude Operaria Católica, que era um movimento bastante amplo de igreja; você tinha Juventude Estudantil Secundarista, JEC; você tem a JUC, tinha a JOC, tinha a JIC que era Juventude Independente, que pegava profissionais liberais já formados. Então havia uma participação assim, muito próxima à questão operários, camponeses, método Paulo Freire... foi adotado pelo MEB; Movimentos de Educação de Base, que era de grande influência de igreja e de AP. Se você pegar os nomes daqui de Minas e nomes de outros estados, havia muita gente de Ação Popular, que foi uma das origens assim, do movimento de Ação Popular, que era de início, basicamente uma organização de origem católica mas também desde o início tinha gente que não era católico. Quero dizer que, inclusive na época, a gente conciliou ecumênicos; a gente trabalhou com todas as igrejas, juventudes de todas as igrejas; metodista, presbiteriana e vários pastores davam apoio assim aos movimentos e era sempre movimento de integração, de participação política. Quer dizer na época, 64, tudo isso levava uma participação mais intensa e a questão do foco influenciou. Influenciou pessoas de praticamente todas as organizações. Era aquele desejo assim, voluntarista de que chegou a hora da revolução. A revolução vai ser amanhã. E aí teve 68 no mundo todo. Teve a revolução cultural na China, no mesmo período, quero dizer que, havia todo um ambiente geral assim. de crise e que a juventude se lançou de todas as formas. Então fala assim, você pode falar hoje: "sim você critica o foco" e o pessoal do foco e tal, que morreu. Você não entra nesse tipo de discussão. Você hoje entra no tipo de discussão que foram pessoas que se levantaram contra a opressão de

diversas formas, com o posseiro ~~como um todo~~ assim, greves espontâneas que surgiram e tudo, quero dizer que, havia um movimento assim de revolta e indignação contra a opressão, contra a exploração e é isso que a gente precisa de destacar. Por exemplo, não é só uma pessoa ou outra, é o conjunto de todas essas forças que possibilitaram que no fim, a ditadura fosse derrubada. Mesmo com essas limitações todas. Mas agora a gente já vê a situação atual. A situação no período Dilma, Lula, mesmo FHC: é totalmente diferente. As dificuldades são diferentes e tudo, mas você começa a perceber o quê que é você ter democracia, o que é você

ter mais liberdade, porque isso aí possibilita você de discutir. Hoje, você está cada vez mais impossibilitado de discutir; você vai num local, começa a discutir num problema a base concreta; o pessoal, já mudou um pouco porque, por exemplo, há uns 4 meses, 5 meses atrás, 6 meses atrás, você falar qualquer coisa o pessoal de tal, e ele já falava “ô coxinha!” Hoje muita gente que era coxinha já começou a perceber que esse caminho que tá sendo adotado, não é o caminho. Mas essas experiências todas são importantes pra poder se conseguir hoje essa humildade que você fala assim: Sim, teve pessoal que fez que ia pro foco, mas ao mesmo tempo permaneceu nas cidades, nas lutas. Teve gente que ficou só no foco, teve gente que se meteu... Tudo isso são formas que o pessoal adota e que independe da vontade da gente também. O Debray teve influência política e também teve muita influência também na revolução cubana que por exemplo, falava assim: não precisa de um partido pra dirigir a revolução, é só a gente montar um grupo de 100 homens. Prepara 100 homens e desencadeia a revolução. Foi um pouco a experiência de Cuba do que Debray havia dito, mas que a gente tem de ver o seguinte: quem luta não são só aquelas pessoas, de algumas organizações, de vez em quando; por exemplo: o PDT teve papel em várias coisas, o PSB na luta contra o golpe e depois. Mas o conjunto é que tem que prevalecer e por isso vira necessidade muito grande de todas as forças estarem unidas agora em resistência, em defesa de direitos, porque tá se perdendo. Cada dia que passa, é uma medida provisória que tá perdendo alguma coisa e quase sempre, agora mesmo foram 5 medidas provisórias. Você pode falar “ah mas teve uma aqui que é boa” mas o conjunto é perda de direitos conquistados durante dezenas de anos. A CLT é de quando? Década de 30, e a principal arma que os trabalhadores tinham contra a excessiva exploração que tinha juntado o trabalho, a insalubridade...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO Arnaldo Zangelmi: A gente chegou a falar da criação de um sindicato em Sete Lagoas. Foi com participação da Ação Popular? Você lembra mais ou menos o período desse sindicato?

CARLOS: Foi antes de 64 e basicamente uma pessoa que era pobre e tinha sido bancário, e participava de toda a movimentação política lá, e que entrou pro seminário, que também

seminário foi depois invadido pela polícia. Mas havia essa atividade, veio inclusive da JOC. A JOC lá tem até o filme com o depoimento de algumas pessoas como eles resistiam, falando de um panfleto. Eles faziam um jornalzinho. Mas como faziam o jornalzinho aí tinha de botar tipo um carimbo pra poder identificar. Aí eles vinham e faziam o carimbo em Belo Horizonte pra não poderem identificar onde é que tava sendo feito. Depois não conseguiram mais isso, eles faziam muito carimbo de batata. Fazia as letras e montava o jornalzinho. Mas aqui, agora que a gente vai vendo assim, quero dizer que, algumas dessas pessoas se aproximaram da Ação Popular. Esse cara que eu falei que depois foi pro seminário, ele foi de AP e depois saiu de AP, enquanto AP por conta própria e outra pessoa, jogaram uma bomba em Guararapes, então é um pessoal que desde a juventude tinha esse espírito de combate.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: O senhor se recorda do nome dele?

CARLOS: Sim, porque foi assassinado. **Raimundo Gonçalves Figueiredo**. Foi ele e depois a mulher também foi, e tá na lista dos mineiros assassinados pela ditadura fora de Minas e lá eles inclusive fizeram uma avaliação maior sobre a situação dele, mas era uma pessoa extremamente simpática. Saía pra pescar, inclusive me levou uma vez pra pescar com ele. Muito integrado com as pessoas.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: O senhor chegou a conhecer o Padre Lage?

CARLOS: Pessoalmente, não.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Não? Ele fez um trabalho no campo também mas não presto a esse detalhe.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Estou bem satisfeito com a nossa conversa e se tiver mais algum aspecto que considerar importante, que seja registrado né? À partir da sua experiência com a coisa, pros jovens militantes que estão construindo os movimentos, o que mais você quiser falar que acha que deve ir para o registro.

CARLOS: O importante é que o próprio trabalho da Comissão da Verdade de Minas está tentando resgatar uma pequena parte da história, do que aconteceu no período basicamente de 64 a 85, e que isso aí tem importância muito grande, porque não é só memória minha, ou a memória de Gislene, do movimento estudantil, que não foi presa, nem nada. Mas é uma memória coletiva, e isso é importante pra ter essa memória você tem que saber o que aconteceu, você tem que saber a verdade. Então acho que isso aí vai reconstituir uma parte da verdade que depois, tem que ser transmitida ou retransmitida pro conjunto da sociedade. Quero dizer que essa pergunta: eu tinha consciência de direitos? Tem que ter consciência de quais são nossos direitos, e direitos que tem de ser também submetidos a uma questão maior de justiça, de igualdade, solidariedade. Não é uma coisa abstrata. Quer dizer que, uma coisa, por exemplo, legal pode ser profundamente injusta; a escravidão foi considerada legal em várias sociedades e no Brasil. Propriedade humana, propriedade de poder matar, vender, qualquer coisa. Então a verdade tem de aparecer e pra isso inclusive é necessário uma luta ainda, não só pra essa resistência agora, mas pra que documentos dos arquivos dos militares apareçam. Tem muitas famílias que estão ainda procurando os corpos dos desaparecidos. Isso é um crime que lesa a humanidade. Então é necessário que a gente consiga esclarecer no maior número e mesmo assim, é uma pequena parte do que aconteceu. Por exemplo, Saluzinho foi pra Guarda de Segurança Nacional, quantos outros camponeses tão sendo assassinados. Esses agora que foram assassinados no Pará. São políticos que simplesmente estão assassinando, então essa consciência de direitos; e direitos aí, a gente fala não é só de violência, não; mas direitos de maneira geral: direitos sociais, econômicos e tal, porque você não consegue direito se uma pequena parte da população, 1% detém 50%, 60% de toda a renda. E se falar no mundo também, os poucos ricos têm uma concentração de renda fantástica e nós que trabalhamos, pagamos impostos... o que sobra pra gente? Tem essa necessidade de esclarecer os fatos em todas as áreas, não só tortura, desaparecimentos, mas democracia, violações de direitos, cassação de mandatos. É um conjunto

de coisas assim, que as vezes a gente pensa pouco. Ditadura como se fosse repressão, censura, não sei o que. Tudo isso é uma das caras dela, mas e o processo que existe mais na geral, a gente tem que aprender democracia, o quê que é democracia porque é um direito que a gente tem de ter democracia. Então acho que a verdade, a memória e um outro aspecto que é pouco abordado é em torno da justiça. Na França, em 68 teve uma anistia que anistiou todos os

torturadores e todos crimes cometidos pela França na guerra da Argélia. Então, eles não puderam ser condenados, porque houve em 68 uma anistia no país da liberdade, igualdade, fraternidade, dos direitos humanos. Então a gente vê, e no Brasil? Quer dizer que no Brasil não teve um torturador, até provado que teve estupro, que teve não sei o que, a justiça fala assim, não, não pode porque a anistia anistiou. Um crime dessa natureza que lesa a humanidade, não pode ser anistiado. É imprescritível, isso desde a Convenção de Genebra, depois da guerra. E acordos internacionais de hoje. Então certas coisas assim de justiça, a gente tem que ser muito claro. Por quê que Portugal em 74 criou um tribunal; o tribunal Humberto Delgado, que prendeu o pessoal da PIDI e estabeleceu um tribunal pra julgar os crimes que a PIDI, que é a polícia secreta de Portugal, cometeu contra o povo? Por que a Argentina pegou? Porque que se a gente for pegar a Argentina, o Chile que, não sei o que. Por quê que Israel e o mundo todo, de uma certa forma apoiava, Israel pegou o pessoal que contribuiu com o nazismo e que levou milhões a morte, continua pegando as pessoas e condenado e o pessoal, por exemplo, foi condenado e não saiu da cadeia. Quero dizer que, porque é um crime que gente com 70 anos, 80 anos, sendo levado por motivos humanitários vai sair mas a decisão que tinha diante dos crimes que foram cometidos é que ia ficar na cadeia, e até hoje Israel ainda procura e vez ou outra, ainda aparece uma condenação lá. Isso ai é porque a impunidade leva à continuidade. Hoje a gente vê, por exemplo, os presídios brasileiros são focos assim de tortura. Tem diversos relatórios da Organização Interamericana de Direitos Humanos, agora já levantou que o Brasil não tomou nenhuma providência no caso do Rio Grande do Norte e outros presídios recomendados pela entidade de direitos humanos do Brasil e do mundo todo. Como é que a gente vai saber. Então a gente precisa de ter justiça. Não é um plano de vingança. Isso ai pode até ser variável o tipo de pena, mas não pode existir o instinto de vingança, mas tem que ser esclarecido e tem de ser combatido, a luta contra a tortura, contra a repressão, contra a violência contra as mulheres, violência contra a juventude negra na periferia. Isso tudo faz parte de um meio de consciência de direitos. LGBTs que agora estão extremamente ativos. Como é que vai ser se a gente não tiver

consciência disso? E aí entra a situação política no Brasil, quer dizer que, um retrocesso em relação a todos os direitos que tinha: direitos sociais, a CLT rasgada... se você fala que o acordo coletivo por um acordo numa fábrica entre patrão e empregado vale mais do que a lei, ai você pode trabalhar 14 horas, 16 horas como na Inglaterra do século 18. Quero dizer que, você perde tudo. Você pode trabalhar sem ter FGTS, sem ter INSS, sem nada. Então tudo isso são perdas de

direitos, então tem de ter hoje um processo de resistência e ao mesmo tempo consciência sobre nossos direitos: de liberdade, democracia. E pra isso tem de aprender uma coisa: se a gente não unir todo mundo e; pode ser que uma pessoa aqui mesmo na comissão da verdade, tem pessoas que tem posição totalmente contra Dilma, contra Lula, não sei o que, mas que colaboram porque são contra a tortura. Dão a colaboração então, por exemplo, pode ser que a gente não consiga unir todo mundo com a mesma bandeira, com o tempo a gente acaba unificando isso em democracia e tal, mas você tem de ver o quê que pode unir as pessoas. Você tem que chamar as pessoas pra participar e discutir. Não é com clima de e agir com intolerância, é com o clima de respeito. Então a gente tem que cada vez mais aprender como a gente vai tratar o diferente, que é a essência do processo da democracia, e o diferente aparece como diversas manifestações em cada situação. E a gente tem de falar assim: é, eu não estou entendendo bem, não concordo muito com isso, mas pelo menos, estar aberto pra escutar e pra respeitar aquilo que acontece. Então acho que hoje a gente tem de resgatar todo esse processo de luta da ditadura, do quê que representou nos meus 21 anos, pra daqui pra frente, hoje o processo de resistência ainda tá relativamente pequen~~o~~ mas esse caminho tem que ser feito e tem que ser feito com base na união dos brasileiros pra poder resistir. E não só de uma opinião, por exemplo, qual é a saída política do Brasil hoje? Tá tudo a deriva perigo então você tem de entrar no processo de discussão e encontrar uma saída. Como é que vai ser? Vai ser diretas, indiretas... você tem de discutir e tem que discutir o mais naturalmente possível pra encontrar um caminho porque tá em aberto então, isso aí envolve, por exemplo, discutir com empresários, discutir com o cara do crack lá em São Paulo, com todo mundo. Você fala assim, porque que o cara não vai, não tem interesse... você vai ter de ampliar muito mais a visão assim, pra saber o quê que nos queremos pro Brasil. Acho que a mensagem, eu pelo menos, que comecei em antes de 64, a mensagem assim, é de confiança que é questão de tempo. E que a história vai pouco a pouco, até que a gente consiga um regime sem exploração. Que eu acredito que seja o socialismo e que não é fácil discutir e construir. Quer dizer que tem experiência mas tem de analisar as experiências para

não cometer erros e ao mesmo tempo ver que é possível você construir uma sociedade sem exploração e trabalhar nesse sentido.

~~INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA~~ Marina Camisasca: Obrigada.

~~INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO~~ Arnaldo Zangelmi: Carlos obrigado por ter compartilhado sua experiência com agente e por essa generosidade de se dispor a abrir sua trajetória é muito importante não só pra Comissão mas pra todas as outras e também pra sociedade como um todo.

CARLOS: Eu agradeço, e espero que pelo menos, possa levantar discussões pra frente. É isso.